

**UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

**INSTITUTO A VEZ DO MESTRE**

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: UM DESAFIO A SER  
CONQUISTADO**

**POR: FELIPE FERNANDES ALTOÉ**

**ORIENTADOR:**

**Fabiane Muniz da Silva.**

**Vitória, ES, março de 2010**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

**INSTITUTO A VEZ DO MESTRE**

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: UM DESAFIO A SER  
CONQUISTADO.**

**Apresentação de monografia ao instituto A Vez  
do Mestre – Universidade Candido Mendes como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
especialista em psicopedagogia institucional**

**Por: Felipe Fernandes Altoé**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meus familiares e minha esposa, bem como todas as pessoas que se dispuseram a participar desta pesquisa.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que se ocupam em zelar pela educação de seus filhos, bem como aos profissionais da educação que enxergam, em seus alunos, pessoas com falhas, mas, sobretudo na superação das mesmas e no aprimoramento das qualidades existentes.

## RESUMO

O trabalho objetiva mapear o paradigma de participantes do processo de ensino-aprendizagem, sendo participantes pais/e/ou responsáveis pelos alunos, visando encontrar possíveis modos de se aprimorar a relação dos mesmos com a escola, para conseqüentemente possibilitar uma melhor relação dos alunos e familiares com a instituição de ensino, para que a mesma possa prestar um serviço eficiente; tem como ponto de partida a maneira como os alunos se relacionam com as normas da escola, e os principais motivos pelos quais seus familiares são chamados, e qual o papel do psicopedagogo na mediação desta relação. Culmina com a opinião dos familiares sobre a importância da escola e possíveis modos de se melhorar a relação entre família e escola. O presente trabalho conclui ser necessário um amplo envolvimento de todos os profissionais da educação (coordenadores, pedagogos, professores), bem como do conselho de escola num diálogo permanente e dinâmico, buscando, dentro da dinamicidade do cotidiano educacional, encontrar modos de estar sempre aproximando a família da escola de uma maneira que resulte em algo positivo para o processo de ensino – aprendizagem e auto-estima dos alunos.

Palavras chave: família, escola, aluno e psicopedagogo.

METODOLOGIA. A pesquisa foi realizada na escola A.S.L. no ano de 2008. Teve como foco a participação dos familiares dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, através da observação sistemática dos relacionamentos afetivos existentes na escola, entre os seus diversos participantes, (professores, alunos, pedagogo, coordenador, pais e/ou responsáveis pelos alunos e demais funcionários da escola. Procurou desvelar, de maneira qualitativa, os motivos pelos quais os familiares eram chamados, a maneira como participavam da educação de seus filhos, bem como a importância que atribuíam à relação entre família e escola. Tal participação foi confrontada com estudos publicados sobre família e escola, seja esta participação vista sob a sua dimensão política, ou sob sua dimensão afetiva, e também foram consideradas as transformações na estrutura familiar sofridas nos últimos anos. A pesquisa teve como método utilizado a pesquisa-ação, sendo o pesquisador coordenador da escola no ano de realização da pesquisa. A escola tinha 273 alunos matriculados no ano de 2008. E foram realizadas entrevistas com os familiares dos alunos, que foram observados, em aspectos gerais, a saber: frequência na escola; motivos pelos quais seus familiares eram chamados, durante o ano letivo. Foram realizadas um total de doze entrevistas, com pais e/ou responsáveis por alunos com a faixa etária entre 7 e 12 anos, inseridos nas turmas de 2º ao 6º ano. cada entrevista com 4 perguntas, nas quais o entrevistado respondia escrevendo a sua opinião acerca da importância da relação entre família e escola. Em seguida tais respostas foram examinadas no decorrer do texto.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 – A escola</b>	<b>11</b>
<b>CapítuloII – A família e a escola</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo III – O psicopedagogo enquanto ponte entre escola e família</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo IV - Paradigmas dos familiares acerca da relação entre escola e família: uma pesquisa</b>	<b>27</b>
<b>Conclusão</b>	<b>36</b>
<b>Referencias bibliográficas</b>	<b>39</b>
<b>Anexos – entrevistas com os familiares dos alunos</b>	<b>40</b>

## RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: UM DESAFIO A SER CONQUISTADO

### INTRODUÇÃO

O texto se inicia com o objetivo de, no decorrer de sua produção, sistematizar a maneira que vem ocorrendo à relação de uma escola com as famílias de seus alunos e buscar possíveis modos de aprimorar, ou aproximar a família dos mesmos para um ambiente de essencial importância para a formação moral do indivíduo, destacando o papel do psicopedagogo enquanto participante ativo e mediador importante deste processo.

O motivo central para a escolha deste tema é o fato de acreditar na importância e na melhoria da relação entre os principais responsáveis pela formação e socialização de um indivíduo, família e escola. Uma escola que se relaciona bem e constantemente com a família de seus alunos possibilita, primeiramente, uma melhor formação ética e moral do indivíduo, que tem como principal alicerce o seio da família; facilita a socialização do aluno com os seus colegas de sala, melhora a relação com professores, conteúdos ministrados pelos mesmos e melhora também a relação do aluno com diversos funcionários da escola, melhora a conduta do aluno em diversos espaços escolares e, conseqüentemente, a função social da escola dentro de uma comunidade é cumprida com maior eficácia. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos 1º e no 2º artigos, é clara em correlacionar a educação familiar e escolar:

*ART 1º (...) A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem **na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (...)***



*ART 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

A constituição da república federativa do Brasil também diz, no seu artigo 205, que

*A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada **com a colaboração** da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

O artigo contido na constituição traz algo que considero absolutamente fundamental, a colaboração da sociedade. Pois a escola não é uma instituição isolada, mas é influenciada por toda uma sociedade complexa que a envolve. Tais influencias podem ser advindas das políticas públicas para a educação, por exemplo. Mas existem inúmeras outras.

Ao conceituar a abrangência da educação enquanto um conjunto de processos formativos que envolvem a família e a convivência humana nas instituições de ensino, (onde esta pesquisa se situa) e mostrar que a educação é dever da família e do Estado, a importância da relação entre família e escola justifica-se, em seu aspecto legal; Este

texto tem, entre outros objetivos, correlacionar o que está escrito na LDB e o que realmente vem acontecendo em uma escola.

Mas para isso é preciso conceituar família, reconhecer as diversas formas de configuração da mesma dentro de uma sociedade cada vez mais complexa, onde valores têm sofrido uma modificação profunda em um curto espaço de tempo. É preciso também conhecer a realidade das famílias no ambiente a ser pesquisado.

## CAPÍTULO I – A ESCOLA.

O ambiente a ser pesquisado é a escola de 1º grau Anacleto Schneider Lucas, pertencente à rede municipal de ensino do município de Vitória, situada no Morro da Fonte Grande. Uma escola que conta com uma regular estrutura de trabalho, com sala de informática e biblioteca minimamente equipadas, boa merenda, quadro de profissionais composto, em sua maioria, por professores efetivos. Têm, no período matutino, 11 turmas, de 1ª a 8ª série, sendo duas da 5ª e duas da 7ª série, e a média diária de alunos no referido turno é de 250.

A pesquisa focalizou o estudo com as crianças pertencentes às turmas de 1º ao 6º ano. Nas crianças que estudam nas citadas turmas é possível encontrar uma grande diversidade de estruturas familiares. Existem crianças que são criadas pelo pai e pela mãe, situadas numa família com a estrutura tradicional; existem crianças que são criadas somente pela mãe, ou que moram com os avôs, ou somente com a avó; há ainda crianças que são criadas pelos tios.

Tais estruturas familiares trazem a necessidade de se examinar, no corpo desse texto, a questão relativa à diversidade de estruturas familiares. Tal questão é relativamente complexa, tem origem histórica e enorme influência na formação afetiva e na socialização das crianças, que, por sua vez, freqüentam a escola e pertencem à sociedade. Tedesco (1995) faz importante reflexão acerca da formação do cidadão, diz que “a história da educação ocidental está intimamente ligada à história da construção da nação, da democracia e do mercado”. Em seguida, trabalha com o conceito de “Déficit de socialização da sociedade contemporânea”, no qual diz que

*Vivemos num período no qual as instituições  
educativas tradicionais – particularmente a  
família e a escola – estão perdendo capacidade  
para transmitir com eficácia valores e normas*

*sociais de coesão social. “Esse déficit de socialização” não foi coberto pelos novos agentes de socialização – os meios de comunicação de massa, em especial, a televisão -, que não foram projetados como entidades encarregadas da formação moral e cultural das pessoas.*

Ressalta-se, ainda, que a televisão e a internet muitas vezes são mal utilizadas, pois crianças e adolescentes as usam sem nenhum tipo de restrição e acompanhamento, principalmente a internet. A seguir, o autor trata do tema “família e socialização”, no qual explica que

*“As mudanças na composição e no funcionamento da família, embora não possuam características idênticas em todas as culturas, apresentam alguns traços em comum muito importantes. A modernização social promoveu, entre outros fenômenos, a incorporação da mulher no mercado de trabalho, a tendência a reduzir o número de filhos, o aumento das separações e do número de filhos que vivem sozinhos ou com um dos pais(...) Nas sociedades menos desenvolvidas, as famílias pobres costumam ser núcleos dos quais a figura paterna está ausente e nos quais as crianças passam, desde idades muito pequenas, períodos prolongados sem a presença dos pais. Produz-se, portanto, uma diminuição do tempo real que os adultos significativos passam com seus*

*filhos. Esse tempo é agora ocupado por outras instituições (escolas, creches, locais especiais para se cuidar de crianças, clubes, etc) ou pela exposição a meios de comunicação (...)*

Toda essa modificação na estrutura familiar de nossa sociedade somada a novos meios de apropriação de saberes pela criança (através dos meios de comunicação, por exemplo) traz a tona uma nova relação afetiva entre família e criança, e também uma nova relação entre criança – escola, e também entre família e escola, relações estas que precisam ser melhor conhecidas e constantemente estudadas, considerando o movimento dinâmico do cotidiano e particularmente da época em que vivemos. Os afetos recebidos pela criança ao longo de sua formação têm reflexos em sua aprendizagem. A partir do momento que a criança perde referências familiares como o pai, por exemplo, sua formação passa a ter uma lacuna. Lacuna esta que é mostrada pela criança em seu comportamento, relação com colegas, profissionais e conteúdos da escola. Muitas vezes, em seu processo formativo, surgem dificuldades de aprendizagem, decorrentes de uma família pouco presente. De acordo com Polity, pag 4,

*Em muitos casos fica difícil para os profissionais envolvidos, distinguir a origem da desordem emocional, pois muitos sintomas se sobrepõem, dificultando um diagnóstico mais preciso(...).É preciso também considerar os efeitos emocionais que essas dificuldades acarretam, agravando o problema. Se seu rendimento escolar for sofrível, a criança talvez seja vista como um fracasso pelos professores ou colegas, e até pela própria família.*

*Infelizmente, muitas dessas crianças desenvolvem uma auto-estima negativa, que agrava em muito a situação, e, que poderia ser evitada, com o auxílio da família e de uma escola adequada. É essencial que as crianças recebam apoio dos pais, pois quando sabem que têm pais que dão suporte emocional, a criança desenvolve uma base sólida e um senso de competência que a leva a um auto-estima satisfatória.*

Diante da afirmação da autora, surgem as seguintes perguntas: de que maneira as famílias podem ser um ponto de apoio para as crianças com dificuldades, auxiliando-as a vencerem as dificuldades, sendo que muitas vezes as próprias famílias encontram-se em dificuldades estruturais, financeiras, emocionais, entre outras? Uma equipe pedagógica coesa e que principalmente acredite e enxergue o potencial do aluno para se desenvolver é absolutamente fundamental para a resolução desta questão em termos práticos. De acordo com o modelo sistêmico, adotado pela autora, a família é onde ocorrem vínculos afetivos entre seus membros. “O sujeito está inserido no mundo das relações e que, ao mesmo tempo influencia e é influenciado por elas” (pag 06). Tal afirmação corrobora o fato de que trazer a família para a escola em busca de se solucionar problemas é de fundamental importância.

No cotidiano escolar, é possível constatar que na grande maioria das vezes a família é chamada em razão do aluno não estar atendendo a demandas referentes às atividades escolares, ou por não apresentar comportamento adequado na escola, ou seja, é possível afirmar, sem apriorismos, que a família é chamada sempre *após* ser detectado algo a ser melhorado no aluno. Existem diversos exemplos, dentre eles: o aluno não ir uniformizado para a escola mais de uma vez seguida; deixar de fazer as atividades propostas em sala de aula; conversar muito na aula; tirar notas muito baixas; faltar muitas vezes; pequenos atos de indisciplina, na aula ou em outros espaços da escola (pátio ou refeitório, por exemplo). Nestes casos o aluno leva um “bilhete” para casa, solicitando a presença dos pais e comumente escuta a seguinte frase: “se você não vier

com seus pais amanhã, não entra”. Para outros casos disciplinares mais graves o aluno é suspenso, dentre eles podemos destacar: Agressão física; agressão verbal com professores, pedagogo, coordenador, e demais funcionários da escola; depredação do espaço escolar (pichações, apertar extintor de incêndio, quebrar carteiras, etc.) “matar aula” dentro da escola; cometer pequenos atos de indisciplina muitas vezes. Quando um aluno leva suspensão, no “bilhete” vem escrito que o aluno só entrará na escola com a presença dos pais.

Diante de tais observações torna-se importante registrar que na escola existe a “pasta de ocorrência” e a “pasta de controle de atividades”. A primeira, pertencente à coordenação, tem o objetivo de registrar os atos de indisciplina do aluno. Quando um aluno recebe três ocorrências, o coordenador (a) tem o direito de suspendê-lo por até três dias. Dependendo da ocorrência, os pais são chamados sem o aluno ser suspenso. A “pasta de ocorrência” é um documento da escola muito usado pelos coordenadores no cotidiano, e serve para registrar somente falhas disciplinares dos alunos. Já as pastas de controle de atividades são utilizadas pelos professores e pelo pedagogo em conjunto, e envolvem um número maior de profissionais. Este documento é utilizado da seguinte maneira: o professor leva a pasta para a aula, e os alunos que não fazem as atividades têm os seus nomes registrados. Se o aluno deixa de fazer em diversas disciplinas, seus responsáveis são chamados para conversar com o pedagogo, para os mesmos ficarem cientes da atitude dos filhos em relação aos conteúdos ministrados.

O fato de estas “pastas controle” serem citadas no corpo deste texto não é por acaso: ambas são fundamentais na relação entre a família e a escola, (nesta unidade de ensino), no ambiente escolar a ser pesquisado. Através dos registros feitos nelas que os familiares são chamados, e o diálogo com as famílias se dá principalmente de acordo com o registro feito na pasta. Muitas vezes o registro feito na pasta de ocorrência é lido para os pais ou responsáveis. São documentos que enfatizam somente os erros dos alunos, falhas dos mesmos ou quando não fazem as atividades. Durante o ano a relação entre os familiares de alunos e a escola esteve muito ligada a estes documentos. E são fundamentais também nas relações que ocorrem dentro da escola, entre os alunos, e principalmente na relação entre os profissionais da escola com os alunos. Quando o aluno fica ciente de que está sendo anotado, seja na pasta de ocorrência ou na pasta de controle de atividades, o seu semblante muda, e é possível observar diversas reações,

são elas: choro, raiva, cinismo e etc. Portanto, vem a tona uma constatação de grande importância: se os pais dos alunos quase sempre são chamados para ouvirem queixas ou ficarem cientes de que seu filho não está indo bem, por outro, o aluno quando fica sabendo que os pais ou responsáveis serão chamados, tem as reações citadas acima. Constata-se que os alunos não gostam que suas famílias compareçam a escola e expressam, sempre, descontentamento. É responsabilidade da escola ( não só dessa escola, mas de muitas outras) repensar um novo modo de se relacionar com os alunos e suas respectivas famílias, pois a escola é um local de se buscar um vínculo afetivo positivo, onde o aluno seja valorizado enquanto pessoa dotada de capacidade de se desenvolver e melhorar enquanto pessoa. Para isso torna-se necessário, por parte dos profissionais da escola, visualizar as potencialidades do aluno e a importância da família no desenvolvimento das mesmas.



## CAPÍTULO II

### A FAMÍLIA E A ESCOLA.

É necessário um breve reconhecimento das relações que podem ser travadas entre família e escola, e as possíveis conseqüências que as mesmas podem trazer, sejam elas a curto, médio e longo prazo. Torna-se necessário pensar: Qual é a importância e se aproximar a família de escola? Quais são as possíveis e diversas implicações dessa aproximação? Tal aproximação pode resultar numa melhora imediata de um aluno resultante de uma simples conversa, mas pode servir também para se construir uma comunidade mais fortalecida e politizada. A família não tem a sua importância resumida à formação afetiva, cognitiva e emocional da criança. Ainda que essa função da família seja importantíssima, a família pode (e deve) estar inserida no ambiente escolar enquanto “sujeito” político, auxiliando a escola em suas demandas e sendo, conseqüentemente, melhor auxiliada por ela.

Constituídos historicamente, família e escola não só estão envolvidas na aprendizagem dos alunos, mas estão inseridas num contexto político que, muitas vezes, oferece poderosos condicionantes para que a relação não se estabeleça de maneira realmente eficaz e democrática. A gestão democrática está intimamente ligada com a possível eficácia da relação entre as partes. De acordo com Marília Pontes Spósito , pag 49

*“Mais do que “integração da escola com a família e a comunidade” ou “colaboração dos pais” é preciso entender essa presença como mecanismo de representação e participação política. É evidente que o entendimento da gestão da escola sob a ótica da representação política constitui já um avanço,*

*particularmente para os setores docentes que, em seus movimentos, lutam por uma ampliação de sua participação nas decisões que dizem respeito ao sistema educativo e aos processos incidentes sobre a realização de políticas desse setor. Será, também, um avanço para se criarem condições efetivas de participação dos trabalhadores, cidadãos e usuários dos sistemas públicos de ensino”*

Portanto, os desdobramentos que envolvem a relação entre família e escola são complexos e estão ligados a diversas questões, sendo elas de ordem cognitiva, afetiva, no concernente ao desenvolvimento dos alunos, mas também estão ligados a política e inserção social. Vitor Henrique Paro nos lembra que (pag 57)“É a população usuária que mantém o Estado com seus impostos e é precisamente a ela que a escola estatal deve servir, procurando agir de acordo com seus interesses.

No entanto os interesses da população nem sempre são respeitados da maneira como devem ser. É necessário explicitar alguns dos condicionantes inseridos no cotidiano escolar que demonstram claramente isso. . O próprio Paro, pág 63, nos diz que

*O educador escolar, em especial o professor, pouco tem conseguido fazer diante da falta de material pedagógico, das classes abarrotadas (que desafiam qualquer bom senso pedagógico) da falta de assistência pedagógica, enfim, das inadequadas condições de trabalho em geral. Entre estas, seu ínfimo salário, que o obriga a mais de uma jornada de trabalho, é um*

*dos elementos mais marcantes, condicionante inclusive de sua baixa competência profissional(...) Nessas condições, a escola pública brasileira tem produzido altos índices de reprovação e de evasão e baixo nível de conhecimento mesmo dos que conseguem ser aprovados(...)*

Poucas foram as palavras desta citação, mas muito sérias, pelos problemas apontados. Tais problemas (baixos salários, salas superlotadas, falta de material didático) São problemas complexos e sua superação implica uma profunda mobilização política de toda a sociedade.

Necessário salientar que Em Vitória os salários de professor, coordenador e pedagogos são os mesmos, e a carga horária também. Na escola em que foi realizada a pesquisa, havia apenas dois pedagogos para o turno matutino, onde a média de alunos é de 250. Portanto, da mesma maneira que as salas de aula são superlotadas para os professores, muitos são os alunos a serem atendidos pelos coordenadores e pedagogos, que muitas vezes iniciam o atendimento antes do horário e concluem após o final do expediente na escola, e muitas vezes não conseguem “dar conta” de todas as demandas.

Uma vez constatada as péssimas condições de trabalho dos profissionais das escolas, é constatado também que o estado não atende bem os usuários do sistema público de ensino. Salas superlotadas, número de profissionais insuficiente e trabalhando em duas cargas horárias, as vezes até três cargas horárias, são falhas graves no sistema educacional, que se constituem em enormes desafios no cotidiano. Com as modificações na estrutura da família, citadas no capítulo anterior, a escola passa a ter uma responsabilidade ainda maior na formação dos alunos que nela estudam. Constatada nesse texto que a família tem fundamental importância na formação da criança, somada ao fato de que também é extremamente importante para o fortalecimento político da escola (e conseqüentemente da comunidade na qual está inserida) surge uma pergunta, dentre tantas outras possíveis: de que maneira o

psicopedagogo pode ser um elo entre família e escola, mediando uma aproximação proveitosa entre ambas as partes, onde não somente os elos entre família e escola sejam melhorados, mas também os elos entre os próprios familiares?

## CAPÍTULO III

### O psicopedagogo enquanto ponte entre escola e família.

Diante de todos estes fatos, tornam-se necessárias as perguntas, e a busca pelas suas respostas: **de que modo o psicopedagogo pode, preventivamente, atuar, para que os alunos tenham uma relação melhor com os professores e conteúdos ministrados? O que o psicopedagogo deve fazer para que as reuniões entre alunos, familiares e profissionais da escola sejam realmente positivas para todos os envolvidos?** Ramon Vilana, (pág69) nos fornece a seguinte compreensão:

*(...) A avaliação psicopedagógica de um aluno nos obriga a dispor de informações mais completas possíveis sobre seus aspectos cognitivos, emocionais, relacionais, e também sobre seu nível de aprendizagem; (...) Como psicopedagogos, precisamos também refletir profundamente sobre nosso papel e nossa maneira de intervir. Não podemos nos deixar levar por informações unilaterais, não comparadas, ou por preconceitos que, com certeza, repercutirão negativamente nos alunos com dificuldades. Visto que as expectativas sempre se relacionam àquilo que se acaba conseguindo, é absolutamente necessário nos centrarmos nos recursos, nas capacidades e nos pontos fortes dos alunos, pois estamos convencidos que existem (...)*

Existem inúmeras maneiras de se atuar preventivamente, que serão ilustradas, com simples exemplos, dentre inúmeros outros inseridos no ambiente escolar: um aluno recusa-se a fazer uma atividade proposta no quadro, e, ao invés de fazer a atividade, fica conversando, andando pela sala, coça os olhos, e às vezes até dorme. A professora, muitas vezes, envolvida com tantas outras demandas, não consegue parar e pensar sobre o que pode estar acontecendo com este aluno e interpreta tal comportamento como uma afronta ao exercício de sua função. Em razão disso encaminha o aluno à coordenação, que, por sua vez, convoca a família do aluno à escola. Quando os familiares responsáveis pelo aluno chegam à escola, são obrigados a escutar diversas críticas, o aluno muitas vezes é castigado em casa e a situação não é resolvida, e muitas vezes se agrava, distanciando o aluno e sua família da escola.

Numa abordagem preventiva o psicopedagogo conversaria com a criança, procuraria saber o porquê de suas dificuldades, e viria saber que o aluno não estava desenvolvendo as atividades em razão de estar tendo dificuldades de enxergar o que estava escrito. Nesse caso, a família é chamada à escola para saber que o aluno está com dificuldades em enxergar, e que é necessário o encaminhamento ao oftalmologista. Ocorreu uma situação semelhante com uma das pessoas entrevistadas nessa pesquisa. Seu filho não fazia as atividades em razão de não enxergar bem o que estava escrito, e isso não foi bem interpretado. **Portanto, a função do psicopedagogo enquanto profissional que diagnostica algo que precisa ser trabalhado no aluno, atuando preventivamente, é absolutamente essencial ao processo de ensino-aprendizagem, servindo também para evitar conflitos desnecessários, colaborando, assim, para um cotidiano menos conflituoso.** Paro, pág 66, nos diz que

*(...) A escola que toma como objeto de preocupação levar o aluno a querer aprender precisa ter presente a continuidade entre a educação familiar e escolar, buscando formas de conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao estudar. Grande parte do*

*trabalho do professor é facilitado quando o estudante já vem para a escola predisposto para o estudo e quando, em casa, ele dispõe da companhia de quem, convencido da importância da escolaridade, estimule a esforçar se, ao máximo, para aprender.*

Uma vez que a família seja convocada de modo indevido, torna-se necessária, mais uma vez, a atuação equilibrada do psicopedagogo. Tal atuação caracteriza-se fundamentalmente em procurar desvelar os motivos do aluno ter este ou aquele comportamento, e, a partir daí, buscar uma parceria na qual o objetivo fundamental seja a melhora do aluno e descoberta de suas potencialidades. Uma possível punição pode existir, mas somente em último caso.

É muito importante, que dentro da relação a ser estabelecida, o psicopedagogo procure conhecer o aluno, o que implica saber como está **o seu relacionamento com a família, com seus colegas de sala e “colegas de pátio” com o professor, com os conteúdos dados, com funcionários da escola (de diversos setores, como limpeza, merenda e vigias)**, e, a partir deste conhecimento, procurar encontrar as potencialidades do aluno, meios para que as mesmas possam se desenvolver e possíveis soluções para as sua dificuldades.

Outro exemplo encontrado em dois alunos, durante todo um ano letivo: eram alunos do 4º ano e 5º ano, respectivamente. Um tinha 12 anos, numa turma em que a maioria dos alunos tinha nove e dez anos. O outro estava com 11 anos, numa turma em que a idade costuma ser 10 anos. O primeiro, com 12 anos, ainda não estava alfabetizado, e o segundo tinha sérios problemas com o desenvolvimento da escrita, embora soubesse ler. Embora esses alunos tivessem tais dificuldades, eram exímios desenhistas, com uma habilidade para desenhar muito superior a de seus colegas, e o mais velho destes inclusive desenhou um painel decorativo na escola, no espaço do refeitório. Nesta busca para se encontrar as potencialidades de um aluno, é de suma importância que o

psicopedagogo esteja em constante diálogo com o professor, para saber da relação do aluno com os conteúdos e com o próprio docente. De acordo com Perrenoud, p. 112 :

*São os professores, que, no cotidiano, encarnam o poder da escola, o caráter restritivo de seus horários, de suas disciplinas, dos “deveres” que ela atribui, das normas de excelência, da avaliação e da seleção que decorrem disso. Os professores parecem ser os primeiros artesãos, até mesmo os responsáveis “pelo que a escola faz as famílias” (...) Em primeira linha, são eles que se confrontam com a agressividade, com a crítica aos programas, com declarações severas ou irônicas sobre a inutilidade das reformas, com protestos diante das exigências da escola, com as comparações injustas entre estabelecimentos ou entre professores (...)*

Em meio a um cotidiano escolar extremamente vivo “agitado” dinâmico, trata-se de um grande desafio, cuja importância é proporcional a grandeza (do desafio), e só com o envolvimento de toda a comunidade escolar o mesmo poderá ser vencido.

Existem também os casos em que o pai, mãe ou avó leva o aluno até a porta da escola e conversa com os professores ou coordenador, de maneira informal; nestas situações, muitas vezes o responsável alega que precisa ir trabalhar, pois já está ficando atrasado, ou então é um dos que leva o aluno todos os dias a escola. Há casos em que o pai vai reclamar de alguma agressão física ou verbal sofrida por aluno, por algum outro colega;



há casos em que os pais ou responsáveis vão reclamar do tratamento recebido pelo aluno por algum profissional da escola. Casos em que o responsável vai buscar alguma informação na secretaria da escola, etc.

O psicopedagogo, diante dessa diversidade de estruturas familiares, e situações em que esta famílias têm dentro do cotidiano (rotina de trabalho) precisa buscar a aproximação com os responsáveis pelo aluno, e isso se inicia com uma relação afetiva positiva com o aluno, interesse em conhecer a sua história pessoal e, a partir deste conhecimento, encontrar uma maneira de cativar o aluno para que este possa sentir confiança em alguém do seu ambiente de estudos. A aquisição da confiança de um aluno, e até mesmo de seus familiares, não acontece de “um dia pro outro”. É necessário um intenso envolvimento do psicopedagogo com sua atividade, observação aguda e perspicaz do cotidiano escolar, e, sobretudo, gostar de fazer isso.

O psicopedagogo deve, portanto, nesse processo de observação do ambiente escolar, procurar conhecer os diversos ambientes existentes dentro da escola e a forma como estes são utilizados. É preciso observar a maneira que os alunos se comportam no refeitório, no pátio, procurando saber quais são as brincadeiras que os alunos mais gostam e a maneira como brincam; É necessária a observação das aulas de educação física, educação artística, pois nesse espaço podem ser descobertas aptidões dos alunos, bem como a maneira como lidam com regras; da mesma forma que é importante o conhecimento mais detalhado possível das características do aluno, é necessário também uma visão ampla do ambiente escolar em questão, para que o profissional tenha mais segurança em sua maneira de lidar com os desafios do cotidiano escolar.

Conhecer o ambiente escolar é tão fundamental quanto conhecer o ambiente fora da escola, principalmente o ambiente imediato, a comunidade onde o aluno está inserido, pois nesse ambiente muitas vezes o aluno passa grande parte de seu tempo e apropria diversos conhecimentos. É necessário estar atento à história da comunidade, conhecer a sua origem, as manifestações culturais, os índices de violência, etc. Conhecer a comunidade na qual se está inserido é um modo de se aproximar das pessoas que usufruem e vivenciam àquele espaço. Em muitos casos, os responsáveis pelo aluno (ou a responsável, que geralmente é uma mulher) saem para trabalhar e não tem com quem deixar os filhos no horário em que estes não estão na escola. Isso significa que muitas dessas crianças, após o horário escolar, ficam na rua, ao invés de ficar em casa. É

necessário que o psicopedagogo esteja atento, dentro de suas possibilidades, a estas formas de apropriação de saberes, além das que foram citadas, como televisão e internet, pois tem forte influencia no comportamento, linguagem, etc.

## CAPÍTULO IV

### PARADIGMAS DOS FAMILIARES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA-ESCOLA: UMA PESQUISA.

*(...), é importante saber como os pais participam da experiência escolar de seus filhos: de que forma os auxiliam, qual a relação que estabelecem com a escola, de que modo colaboram com as atividades, e como a escola prevê e organiza essa relação, isto é, como acolhe, entrevistas com os tutores, canais de comunicação estabelecidos entre a escola e a família, etc. (Tereza Colmer, M. Tereza Masot e Isabel Navarro, pag. 22)*

No dia 19 de setembro houve o que a escola chamou de “plantão pedagógico”, e, neste dia, foi possível examinar, em termos gerais, a participação dos pais de alunos (ou responsáveis), que compareceram em grande número na escola para pegar os boletins e conversar sobre a situação do filho no ambiente escolar com os professores, pedagogos, coordenadores e também com a diretora. O tratamento dado pelos professores aos familiares foi respeitoso, e da mesma maneira os pais trataram bem os professores e demais membros da equipe escolar. Muitos pais levaram seus filhos, e os coordenadores e pedagogos ficavam próximos aos professores, que entregavam os resultados (notas dos alunos). As Pedagogas da escola só conversaram reservadamente com pais de alunos que não haviam tido bons resultados e apresentavam problemas disciplinares, sejam eles em sala de aula ou nas dependências da escola.

Dos 163 alunos matriculados, na referida data, (matriculados do 1º ao 6º ano, totalizando sete turmas), compareceram 107 responsáveis. Alguns desses pais e responsáveis responderam um pequeno questionário referente à relação entre a família e a escola. Importante registrar que todos se prontificaram a responder com solicitude as seguintes perguntas:

- 1) O senhor (a) já foi chamado alguma vez a comparecer a escola para saber a situação de seu filho? Se foi chamado, qual foi o motivo?
- 2) O senhor (a) alguma vez sentiu vontade de comparecer a escola mesmo sem ter sido chamado? Por quê?
- 3) Qual é a importância, em sua opinião, da relação da escola com a família do aluno?
- 4) Em sua opinião, o que pode ser feito para melhorar a relação desta escola com a família dos alunos?

Foram entrevistadas, no total, 20 pessoas, sendo que neste grupo se incluíram, em sua maioria absoluta, mães de alunos, (18) uma tia e um pai. Se existir necessidade, utilizarei nomes fictícios para os alunos e seus responsáveis. Eventuais erros ortográficos serão mantidos. Examinarei, neste texto, somente 12 entrevistas.

Serão examinadas as respostas as perguntas e, diante dessas análises, será traçada a conclusão deste texto. Vamos as respostas dadas a 1ª pergunta:

- 1) “Já, motivo da minha filha não prestar atenção na sala de aula” – resposta dada pela tia de um aluno do 4º ano.
- 2) “Sim, o motivo foi por ela está conversando demais, fazendo bagunça e brigando demais
- 3) “sim, o motivo é que ele conversa demais na sala de aula”
- 4) “ p/ informação sobre o aluno e informações sobre melhorias e eventos” - pai de um aluno do 1º ano

5) “sim, muita conversa na sala de aula e dificuldade no aprendizado” . Resposta dada pela mãe de um aluno do 2º e de uma aluna do 5º ano.

6) ” nuca fui chamada a Ester é uma filha exetele e *deve* ser uma boa aluna”. Mãe de uma aluna do 1º ano

7) “Já porque não faziam as tarefas e por discursão em sala de aula”. Mãe de um aluno do 4º ano.

8) “Sim vários”. Resposta dada pela mãe de três alunos matriculados. Quando ela diz “vários, refere-se principalmente a problemas disciplinares. É uma mãe que sempre comparece quando é chamada.

9) “sim, dificuldades relacionadas ao meu filho na aprendizagem e no comportamento. Mãe de um aluno do 1º ano (6 anos)

10) “pegar o boletim” – Mãe de um aluno da 6º ano.

11) Sim, fui chamado porque ela respondeu a cordenadora.

12) “Sim, a respeito das faltas da minha filha”

É possível constatar, nas respostas referentes a essa pergunta, que muitas vezes o familiar é chamado em razão do comportamento do filho, e, geralmente não é para se elogiar, ou mostrar alguma diretriz referente a metodologia de ensino da escola, e sim para criticar. Em nenhum momento foi relatado que os potenciais dos alunos foram mensurados.

Em uma das respostas a mãe do aluno disse que ela devia ser uma excelente aluna, pois nunca precisou ter comparecido a escola. Portanto, de acordo com a resposta dada, se o familiar é chamado “a escola, é por razão do aluno não estar indo bem, e, se nunca é chamado, é porque o aluno está “indo bem”, “não está dando trabalho”. A idéia de que o comparecimento de pais a escola diz respeito somente a resolução de problemas disciplinares ou relativos a aprendizagem traz a tona uma relação fragilizada, limitada e, por isso, ainda pouco eficiente.

É preciso aproximar a família da escola para que haja um efetivo envolvimento dos familiares com o cotidiano dos filhos. Mas de que maneira essa aproximação pode ocorrer, se os familiares responsáveis precisam estar no trabalho no momento em que o aluno entra na escola, e muitas vezes chegam em casa ao entardecer, cansados de uma dura rotina de trabalho? Tal pergunta é pertinente e para se encontrar respostas e meios para solucionar o desafio que ela (a pergunta) propõe é preciso um diálogo envolvendo professores, direção da escola, e conselho de escola, e uma vez que se encontre uma possível solução (teórica), é preciso envolvimento de todos para que a mesma venha se concretizar. Trata-se, certamente, de um objetivo a ser realizado em médio e/ou longo prazo.

Passemos agora para as respostas dadas a 2ª pergunta, que é a seguinte: “O senhor (a) já sentiu vontade de comparecer a escola, mesmo sem ser chamado? Por quê?”

Não escreverei todas as respostas como fiz na pergunta anterior, mas nos 12 questionários a resposta foi positiva, e isso me leva a crer que felizmente existe um interesse dos responsáveis pelos alunos em conhecer a escola. Quando a resposta não foi somente um “sim” o complemento mostrava a importância dada em saber como estava o filho na escola.

Já na terceira pergunta, “Qual a importância, em sua opinião, da relação entre a família e a escola” obtive importantes respostas para uma compreensão inicial de como os pais e responsáveis pensam. Vamos as respostas:

- 1) “O importante é sempre o pai saber das atividades”
- 2) “Muito importante”
- 3) “É boa porque se não houver relação da família com a escola fica muito difícil”
- 4) “A escola é a 2ª casa do aluno e os professores são pais substitutos no dia a dia do desenvolvimento e orientação aos pais e alunos”.
- 5) “Muito importante pois sabemos do rendimento e comportamento para melhorar a criança a se desenvolver”

- 6) “é muito boa os professores são ótimos a escola é boa minhas filhas estuda aqui desde pequena”
- 7) **É muito importante pois o aluno se sente prestigiado e sabe que tanto a escola e os pais estão preocupados com seu crescimento na escola e com a sociedade”**
- 8) **“ muito importante. Para mim me ajuda muito em relação aos meus filhos, porque eu tenho quem me ajuda a entender mais eles, me ajuda a educa-los melhores...”**
- 9) “Estar sempre em diálogo com a escola”.
- 10) “ Eu não tenho nada a reclamar da escola”
- 11) “ Na minha opinião é importante o vínculo entre escola e família pois a educação é fundamental”
- 12) “ A escola tem que nos deixar informado sobre tudo que acontece com nossos filhos. E se nós não tivermos um relacionamento bom do jeito em que estão acontecendo as coisas a situação só tem a piorar.

Considero tais respostas pertinentes, fornecendo diversas compreensões. Em uma delas manifesta-se uma preocupação com o conteúdo dado, e da relação que o aluno está tendo com o mesmo, no caso da 1ª; no caso da 3ª e da 12ª resposta é possível perceber que os responsáveis pensam que , sem essa relação, a educação dos filhos tende a ser mais difícil de se realizar, e que é preciso estar sempre em contato para saber como os filhos “estão indo”; o pai de um aluno compreende que os professores são pais substitutos e que a escola é a segunda casa; tal compreensão, ao meu ver, encontra-se em desacordo com a real função do professor , que , para o caso deste aluno (uma criança de 6 anos) tem a função de ensiná-lo a ler, escrever, desenvolver a coordenação motora, entre outras coisas; e contribuir para a formação de valores básicos, *prioritariamente* dever da família, tais como respeito, honestidade, etc. Portanto, pai é pai, e professor é professor.

Já uma das respostas enfatiza que esta relação faz o aluno se sentir prestigiado, em razão de haverem pessoas preocupadas com o seu crescimento. Essa resposta, a meu ver, é

muito importante, pois mostra que a relação entre família e escola é fundamental para a auto-estima do aluno. À medida que o mesmo se sente prestigiado, sente uma alegria em estudar e ir para a escola. Tal resposta justifica ainda mais a importância de se encontrar as potencialidades do aluno e, juntamente com a família, procurar meios para desenvolvê-la. Acredito ser fundamental também nesse sentido, o de fortalecer a auto-estima do aluno que muitas vezes está baixa. E na conclusão desta mesma resposta, diz: “preocupados com o seu crescimento e o da sociedade”. Tereza Colomer, M. Tereza Masot e Isabel Navarro, pág 22, complementam esse raciocínio:

*Não podemos esquecer que os dois contextos, o escolar e o familiar, situam-se num contexto social concreto, em processo de mútua interação. Na avaliação, precisamos ter em mente o grau de adaptação e identificação da escola e da família as exigências do ambiente social.*

A 8ª resposta também é pertinente, pois mostra que a relação entre família e escola realmente é importante, partir do momento que a mãe do aluno reconhece que esta relação *ajuda a entender e educar melhor os filhos*. (é necessário registrar, no corpo deste texto, que esta resposta foi dada por uma das mães que mais comparece a escola no cotidiano, com 4 filhos matriculados, no 6º, 5º, 4º e 2º anos, respectivamente) Tais palavras confirmam que a relação família e escola melhoram não somente a educação referente ao ensino-aprendizagem, mas também a relação entre os familiares dentro do próprio lar. Conclui-se, portanto, que a escola e as famílias devem estar em constante diálogo, para um melhor desenvolvimento do aluno, tanto na escola como em seu lar,



facilitando o convívio do mesmo com as regras e pessoas de ambos os ambientes, de uma maneira mais alegre, em razão do “prestígio” recebido.

Respostas dadas a 4ª pergunta:

- 1) “Mais participação dos pais com os professores”
- 2) “Prestar atenção em relação as brigas dos alunos, para não cometer nenhuma injustiça, e evitar brigas com os pais”
- 3) “Na verdade eu não sei, mas tem que ter alguma coisa para ter a melhorar”
- 4) “Ambos entenderem e aperfeiçoarem a situação de cada aluno pois todos tem problemas mas a solução, só é dada quando se coloca as cartas na mesa e tratar de todos os assuntos relacionados”.
- 5) “Se comunicar mais em qualquer aspecto que seja para juntos melhorarmos mais”.
- 6) “Eu acho que está ótima a educação e perfeita”
- 7) “ Para que cada vez mais esta relação fique mais fortalecida é preciso que todas as famílias compareçam na escola ou mesmo liguem para saber de seus filhos.
- 8) Continuar o trabalho que vocês estão fazendo.
- 9) “a presença dos pais na escola é fundamental na escola o interesse dos alunos com a escola, a escola só tem a crescer”.
- 10) “Botar 1ª a 4ª pela manhã e 5ª a 8ª a tarde “.
- 11) “Na minha opinião o que pode ser feito para melhorar é a conversa e a exigência dos pais a escola”.
- 12) “ Eu acho que a escola tem sido maravilhosa, não tenho do que reclamar, **mas ao menos uma vez no mês devemos nos unir escola com família para tratarmos assuntos pendentes**”.

Tais respostas trazem a tona melhoras que necessitam acontecer. A 1ª resposta mostra que é preciso mais participação de pais com professores, ou seja, é preciso que haja um acompanhamento mais próximo, mais diálogo. Mas é necessário outra pergunta: numa sala de aula cujo professor dá aula para 35 alunos, como esse acompanhamento citado acima pode acontecer? Trata-se de outro desafio, e a presença do psicopedagogo enquanto mediador deste diálogo torna-se ainda mais fundamental, enquanto observador dos alunos e familiares, professor, e profissional inserido nesse processo.

A segunda resposta foi mais pontual, tratando de um aspecto disciplinar dos alunos ( brigas entre alunos) que certamente requer atenção, pois brigas entre alunos podem acarretar danos morais, prejuízos a auto estima de ambos os envolvidos. Muitas vezes as brigas ocorrem em razão de influências culturais recebidas pelos alunos. A resposta dada a 4ª pergunta é importante, em razão de mostrar que é necessário ambos entenderem e aperfeiçoarem a situação de cada aluno, e tal resposta mostra ainda que a solução dos problemas, (que todos têm) só acontece quando escola e família dialogam, “colocam as cartas na mesa” e “tratam dos assuntos relacionados”.

A 5ª resposta mostra que é preciso se comunicar mais; A 6ª resposta diz que “está ótima e a educação é perfeita”, tal resposta, a meu ver, encontra-se em desacordo com o dinamismo complexo da escola e a emergência constante de desafios que existe dentro da mesma. Não devemos ser cêndidos. A 7ª resposta enfatiza a responsabilidade que a família deve ter, para que essa relação fique fortalecida; o comparecimento mais freqüente da mesma a escola e, caso este não seja possível, que os pais ao menos liguem para saber como estão os filhos.

A 8ª resposta mostra, que quando o trabalho está bom, é preciso ter continuidade. A melhora na relação entra família e escola acontece dentro da continuidade de um trabalho. A 9ª resposta mostra algo semelhante ao que já vimos no corpo deste texto: o comparecimento dos pais a escola faz o interesse do aluno aumentar. É sabido que pais que se interessam pelo aprendizado do filho fazem com que este se sinta prestigiado, e, assim sendo, mais interessado pelos estudos.

Na 10ª resposta, o familiar entende que para essa relação melhorar deve se colocar do 6º ao 9º ano no período vespertino, e deixar do 1º ao 5º no turno matutino. Tal modificação, não necessariamente altera a relação entre família escola, nos seus

aspectos qualitativos. Na 11ª resposta o familiar pensa que os pais tem que ser mais exigentes para com a escola e na 12ª foi dito que a relação está boa, mas é necessário ao menos uma reunião entre família e escola por mês, para que assuntos sejam tratados. Portanto, mais uma resposta mostrando a importância de se haver uma maior proximidade entre família e escola, proporcionando mais diálogo e entendimento entre as partes.

## CONCLUSÃO

A conclusão deste trabalho se dá reconhecendo a importância de se sistematizar os conhecimentos acerca do cotidiano escolar, com a certeza que a união entre família e escola depende de grande vontade de ambas as partes, cada uma com a responsabilidade de aproximar-se, seja a escola com a família e a família com a escola. Uma parceria proveitosa e útil para o desenvolvimento dos educandos, da escola e até mesmo da família é algo que se constrói com o diálogo, observação perspicaz de professores e pedagogos, principalmente.

O fundamental é a escola chamar para si a responsabilidade de acolher as famílias dos alunos, sempre chamando, dialogando, procurando solucionar problemas sim, pois eles existem, mas, sobretudo procurando enxergar em cada aluno um ser humano capaz de se desenvolver, escolher os seus objetivos e obter vitórias na vida, conquistando os objetivos escolhidos.

Ao se dialogar com a família é preciso respeito, profissionalismo, e o acolhimento as famílias é um trabalho que, com toda certeza, requer continuidade, e para a continuidade concretizar-se é necessário coragem, persistência, um verdadeiro querer da equipe escolar em realizar uma parceria positiva entre família e escola, fazendo com que a mesma tenha uma *identidade* na comunidade em que está inserida. É necessário ter esperança. É importante a família reconhecer a importância da escola e a escola reconhecer a importância da família Freire, pag. 81, nos diz que

*A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém*

*não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros,, é que lhe falta muito que caminhar,para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (...) Não há diálogo, se não há uma intensa fé nos homens.*

A continuidade e identidade é um processo que não acontece “de um dia pro outro”. É preciso tempo para uma escola ser uma referência, na necessariamente de dias ou meses, mas anos de trabalho, e estudo também. Um Desafio que requer liderança de quem ousar enfrentá-lo. Qualquer profissional que vivencia o cotidiano escolar sabe que nem todas as famílias estão receptivas ao diálogo, e por isso é preciso paciência para escutar, respeitar o pensamento deles, e, sobretudo, a equipe escolar, nos momentos em que a família não está tão aberta ao diálogo, necessita mostrar com mais clareza e firmeza a consonância de suas idéias. Mostrar que é um lugar para o efetivo desenvolvimento do aluno.

Convidar familiares a participar de mostras culturais, jogos desportivos, festas comemorativas é algo que, de alguma maneira, aproxima a família da escola de uma maneira positiva, faz a família ver a escola como um lugar acolhedor. Orientar pais e/ou responsáveis a melhorar suas relações afetivas com seus filhos, através de pequenas atitudes, como olhar os cadernos todos os dias e se interessar pelo que o filho está aprendendo é algo que também deve ser feito, pois pode produzir resultados muito positivos na vida dos alunos

Persistir em realizar reuniões gerais de pais de alunos para falar das diretrizes da escola, nos seus aspectos pedagógicos, também é muito importante, **bem como a participação de familiares ativamente no conselho de escola, nas vagas que lhes cabem. É uma maneira de se implantar a democracia no cotidiano escolar.**

Torna-se necessário também que especialistas de diversas áreas relacionadas à educação discutam acerca do currículo e do cotidiano escolar, possíveis maneiras de melhorá-los, torná-los mais dinâmicos e interessantes para os alunos que freqüentam o espaço escolar. É fundamental que a escola saiba acolher as famílias, os alunos, mas não só isso: a escola precisa saber acolher e reconhecer os dons, as potencialidades diversas existentes nos educandos para que os mesmos se desenvolvam fazendo o que mais gostam e sabem. Assim a escola passará a ser um local agradável e que realmente desenvolva quem usufrui dela.

Portanto, diante de tudo que foi abordado nesse texto, conclui-se que o desafio de se melhorar a educação, através de uma relação melhor entre família e escola, é um desafio a ser conquistado. Um desafio complexo que exige não só a luta dos envolvidos no cotidiano escolar, mas a luta de toda uma sociedade. Foi explorada no corpo deste trabalho, pontualmente, a relação entre família e escola, mas é certo de que é extremamente necessária a limpeza de diversas instituições deste país, sobretudo as responsáveis pela arrecadação e distribuição de renda, casas legislativas e executivas; legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência são princípios constitucionais que uma vez postos em prática pelas instituições existentes em nosso país, facilitarão muito a evolução desta sociedade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Constituição da República Federativa do Brasil. Saraiva Editora. 2006.**

**Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra.**

**LDB – LEIS DE DIRETRIZES E BASES. Saraiva editora. 2005.**

**Paro, Vitor Henrique: Administração escolar e qualidade do ensino: O Que os Pais ou Responsáveis têm a ver com isso? In Bastos, João Batista: Gestão Democrática – Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001**

**Perrenoud, Philippe: Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed Editora.**

**Polity, Elizabeth: Pensando as dificuldades de aprendizagem a luz das relações familiares. URL: [HTTP:// Psicopedagogiaonline.com.br](http://Psicopedagogiaonline.com.br). Acessado em 02/02/10**

**Sánchez-Cano, Manuel. Bonals, Joan. Avaliação Psicopedagógica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.**

**Spósito, Marília Pontes: Educação, Gestão Democrática e Participação popular In Bastos, João Baptista: Gestão Democrática. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001.**

**Tedesco, Juan Carlos. O Novo Pacto Educativo Editora Ática, São Paulo, 2001.**

**Vilana, Ramon A entrevista com os pais, os professores e os alunos. In Sanchez-Cano, Manuel. Bonals, Joan Avaliação psicopedagógica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.**

ANEXOS – ENTREVISTAS DOS FAMILIARES DOS  
ALUNOS.